



MECANISMOS PROTETORES CONTRA A TORÇÃO GASTROESPLÊNICA EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

Daniel Araújo PARENTE¹; Anele Freitas COSTA¹; Ana Beatriz Fragoso GOMES¹; Kamili Kerstin Rebouças de CASTRO¹; Paloma Pessoa CAVALCANTE¹; Raquel Estefany Silva da COSTA¹; Juliana Gomes VASCONCELOS²; Paulo Ricardo Monteiro ARAÚJO²

1 – Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

2 – Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

daniel0704.ap@edu.unifor.br

RESUMO

A Torção Gastroesplênica em felinos é uma afecção extremamente rara, caracterizada pela rotação do estômago associada ao baço, podendo levar a comprometimento vascular, obstrução do fluxo gástrico e evolução para choque hipovolêmico. O presente estudo teve como objetivo analisar os fatores associados à baixa ocorrência dessa condição em gatos, com ênfase em aspectos anatômicos, fisiológicos, epidemiológicos e clínico-cirúrgicos. Trata-se de uma revisão de literatura narrativa, de abordagem qualitativa, realizada por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados PubMed, Google Scholar e SciELO, abrangendo publicações entre 2016 e 2026, nos idiomas português e inglês. Foram incluídos artigos científicos, relatos de caso e livros-texto de medicina veterinária relacionados à Torção Gástrica, Dilatação Vólvulo Gástrica e anatomia do sistema digestório felino. Os resultados demonstram que a ocorrência da Torção Gastroesplênica em felinos é excepcional, estando geralmente associada a alterações anatômicas predisponentes como hérnia diafragmática ou hérnia hiatal, além de fatores como menor capacidade gástrica, fixação do estômago por ligamentos gastroesplênico e gastrofrênico e hábitos alimentares fracionados, que contribuem para maior estabilidade do complexo gastroesplênico. A literatura evidencia apenas relatos isolados, sugerindo raridade real ou possível subnotificação. Clinicamente, a condição apresenta evolução aguda com dor abdominal, distensão, vômitos não produtivos, dispnéia e sinais de choque, sendo o diagnóstico baseado principalmente em exames de imagem e o tratamento cirúrgico envolvendo estabilização, laparotomia exploratória, descompressão gástrica, derrotação e gastropexia. Conclui-se que a baixa

ocorrência da Torção Gastroesplênica em felinos está relacionada a fatores multifatoriais, anatômicos, fisiológicos e comportamentais, sendo uma emergência grave cujo prognóstico depende diretamente da rapidez do diagnóstico e da intervenção cirúrgica adequada.

Palavras-chave: Aerofagia, Anatomia, Gastropexia, Subnotificação.

INTRODUÇÃO

A Torção Gástrica em pequenos animais é uma condição emergencial caracterizada pela rotação do estômago em torno de seu eixo longitudinal, podendo levar à obstrução do fluxo de conteúdo gástrico, comprometimento vascular e rápida progressão para choque. Quando associada ao baço, recebe a denominação de Torção Gastroesplênica, envolvendo a rotação simultânea do estômago e do órgão esplênico, geralmente com comprometimento hemodinâmico importante e risco elevado de necrose tecidual (König; Liebich, 2016).

Em cães, a Dilatação Vólvulo Gástrica (DVG) é amplamente descrita, apresentando alta relevância clínica devido à sua frequência e gravidade. Em felinos, entretanto, a ocorrência de Torção Gástrica e Gastroesplênica é extremamente rara, sendo descrita principalmente em relatos de caso isolados, muitas vezes associada a alterações anatômicas predisponentes, como hérnia diafragmática ou hérnia hiatal. Essa diferença entre espécies sugere a existência de fatores protetores relacionados à anatomia e fisiologia felina (Bucknoff; Rolph, 2024).

Diante disso, compreender os fatores associados à baixa ocorrência da Torção Gastroesplênica em felinos torna-se relevante para a prática clínica veterinária, uma vez que contribui para o reconhecimento precoce de casos atípicos e para o manejo adequado dessas emergências quando presentes. Esta revisão de literatura tem como objetivo discutir os principais aspectos anatômicos, fisiológicos, epidemiológicos e clínico-cirúrgicos relacionados à raridade dessa afecção na espécie felina.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa, de abordagem qualitativa, sobre os fatores associados à baixa ocorrência da torção gastroesplênica em felinos. O levantamento

bibliográfico foi realizado nas bases de dados PubMed, Google Scholar e SciELO, abrangendo publicações entre 2010 e 2026, nos idiomas português e inglês. Foram incluídos artigos científicos, relatos de caso e livros-texto de medicina veterinária relacionados à torção gástrica, DVG e anatomia do sistema digestório felino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os felinos possuem um estômago relativamente pequeno, com capacidade de 300 a 350 ml, localizado predominantemente na região cranial esquerda da cavidade abdominal e dividido macroscopicamente em cárdia, fundo, corpo e piloro (Angelou *et al.*, 2023). Além disso, o órgão é dividido em curvatura menor e maior, esta última apoiada sobre o piso abdominal, próxima ao baço, em que o omento menor fixa o estômago ao fígado, enquanto o omento maior forma o ligamento gastroesplênico, que une o estômago ao baço e por onde passam os vasos gastroepiplóicos (Getty, 2014). Ademais, o baço felino é fino (1 cm de espessura) e pequeno (4 a 6 cm de comprimento), localizando-se no quadrante cranial lateral esquerdo do abdômen, caudal e lateral ao estômago (König; Liebich, 2016). Em comparação com os cães, a fixação esplênica nos felinos é relativamente firme, uma vez que o baço permanece preso ao estômago pelo ligamento gastroesplênico (Dyce; Sack; Wensing, 2010).

A fisiologia e a anatomia felinas dificultam a ocorrência da DVG, uma vez que o estômago do gato possui mobilidade limitada pelos ligamentos gastroesplênico e gastrofrênico, mantendo-se relativamente fixo (Ettinger, 2017). Além disso, os fatores de risco caninos clássicos, como tórax profundo, alimentação única diária e ingestão rápida de ração seca, geralmente estão ausentes na espécie felina, cujos indivíduos realizam múltiplas refeições pequenas diariamente e evitam a ingestão acelerada de alimentos e de ar, reduzindo drasticamente a distensão gástrica súbita e a aerofagia (Gibson, 2025).

Dessa forma, o comportamento alimentar felino, por si só, raramente gera condições para o DVG, visto que a patologia costuma ser relatada na espécie apenas na presença de anormalidades anatômicas maiores (Fossum, 2018). Entre essas anormalidades, destacam-se os traumas graves decorrentes de quedas de grandes alturas, associadas à "Síndrome do gato paraquedista" (SGP), cujo

forte impacto pode causar ruptura ou deslocamento diafragmático, gerando hérnias traumáticas que predisõem diretamente ao desenvolvimento do GDV felino (Tidwell; Bonagura, 2017).

Os casos de DVG e Torção Gastroesplênica em gatos são extremamente escassos, visto que a Torção Gástrica em felinos é uma condição rara que consiste quase sempre em relatos isolados, o que se reflete no registro de poucos casos na literatura ao longo das décadas, em um cenário que contrasta drasticamente com as centenas de ocorrências documentadas em cães (Bucknoff; Rolph, 2024). Tais dados levantam a hipótese de que o fenômeno é realmente raro, seja devido à anatomia e aos hábitos felinos, ou seja por uma possível subnotificação de casos esporádicos, o que reforça a ideia de que a baixa prevalência conhecida sugere que fatores anatômicos e funcionais limitam fortemente a sua ocorrência (Devey; Van Den Berg; Seiler, 2020).

Clinicamente, a Torção Gastroesplênica felina provoca dor e distensão abdominal, vômitos não produtivos e sinais de choque hipovolêmico semelhantes ao DVG canino, associados a uma dispneia progressiva decorrente da compressão diafragmática e da má perfusão tecidual (Tidwell; Bonagura, 2017). O diagnóstico baseia-se em radiografias abdominais, preferencialmente na projeção lateral, as quais evidenciam o estômago muito distendido e/ou deslocado, associadas aos achados da ultrassonografia, que pode notar o conteúdo gástrico gasificado e os vasos torcidos (Thrall, 2018). O tratamento definitivo é cirúrgico e consiste, após a estabilização do paciente, na realização de uma laparotomia exploratória para descompressão gástrica, derrotação do estômago e fixação por gastropexia, geralmente incisional bilateral, concomitante à correção de hérnias ou lesões associadas, como a hérnia diafragmática (Withrow; Vail; Page, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Torção Gastroesplênica em felinos é uma afecção extremamente rara na espécie, o que pode ser explicado por um conjunto de fatores anatômicos, fisiológicos e comportamentais que reduzem significativamente a predisposição à dilatação e rotação gástrica. A fixação do estômago por estruturas ligamentares, associada ao menor volume gástrico, hábitos alimentares fracionados e menor ocorrência de dilatação aguda, contribui para a estabilidade do complexo gastroesplênico nos gatos. Quando presente, a condição está frequentemente associada a alterações anatômicas

concomitantes, como hérnia diafragmática ou outras alterações da cavidade abdominal, reforçando a necessidade de fatores predisponentes adicionais para sua ocorrência.

Do ponto de vista clínico, embora incomum, trata-se de uma emergência cirúrgica, caracterizada por rápida progressão de sinais sistêmicos e comprometimento hemodinâmico. O prognóstico é considerado reservado a bom, dependendo diretamente da precocidade do diagnóstico, da presença de necrose tecidual e do grau de instabilidade do paciente no momento da intervenção. Casos diagnosticados e tratados precocemente apresentam melhores taxas de sobrevivência, enquanto atrasos na abordagem aumentam significativamente o risco de complicações e óbito.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, V.; FISKA, A.; TSINGOTJIDOU, A.; PATSIKAS, M.; PAPAZOGLU, L. G. Surgical anatomy of the gastrointestinal tract in cats. **Animals**, v. 13, n. 16, p. 2670, 2023.

BUCKNOFF, M. C.; ROLPH, K. E. Splenic torsion in a cat with chronic anemia. **JFMS Open Reports**, v. 10, n. 1, 31 jan. 2024.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Textbook of veterinary internal medicine. 8. ed. St. Louis: **Elsevier**, 2017.

DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. Anatomia veterinária. **Elsevier**, 2010

.

FORMAGGINI, L.; SCHMIDT, K.; DE LORENZI, D. Gastric dilatation-volvulus associated with diaphragmatic hernia in three cats: clinical presentation, surgical treatment and presumptive aetiology. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 10, n. 2, p. 198–201, 2008.

FOSSUM, T. W. Small animal surgery. 5. ed. St. Louis: **Elsevier**, 2018.

GETTY, R. Anatomia dos animais domésticos. **Guanabara Koogan**, 2014.



GIBSON, T. W. G. Gastric dilation and volvulus in small animals. In: Merck Veterinary Manual. Whitehouse Station: **Merck & Co., Inc.**, Aug. 2025.

KÖNIG, H. E.; LIEBICH, H. G. Anatomia dos animais domésticos: texto e atlas colorido. **Artmed**, 2016.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Small animal internal medicine. 6. ed. St. Louis: **Elsevier**, 2020.

TIDWELL, A. S.; BONAGURA, J. D. Ettinger's Textbook of Veterinary Internal Medicine. 8. ed. St. Louis: **Elsevier**, 2017.

THRALL, D. E. Textbook of Veterinary Diagnostic Radiology. 7. ed. St. Louis: **Elsevier**, 2018.

WITHROW, S. J.; VAIL, D. M.; PAGE, R. L. Withrow & MacEwen's Small Animal Clinical Oncology. 6. ed. St. Louis: **Elsevier**, 2020.